
**BIOGRAFIAS DE ESCRITORES BRASILEIROS EM PUBLICAÇÕES
PORTUGUESAS (1860-1890)**

Valéria Augusti ¹

UFPA/CNPq/FAPESPA

Resumo:

Nas últimas décadas do século XIX, o desconhecimento da literatura brasileira pela crítica portuguesa se torna tema constante nos periódicos lusitanos. Muito embora não haja, realmente, notícias significativas sobre os lançamentos literários dos escritores da ex-colônia, é notável a presença de notícias biográficas acerca de alguns deles em necrológios publicados na imprensa, bem como em material de finalidade escolar destinado a ambas as nações. Tendo isto em vista, o presente artigo pretende analisar algumas dessas notícias biográficas, publicadas entre as décadas de 1860 e 1890.

Palavras-chave: biografias; escritores brasileiros; relações Brasil- Portugal

**BIOGRAPHIES OF BRAZILIAN WRITERS IN PORTUGUESE PUBLICATIONS
(1860-1890)**

Abstract:

In the last decades of the 19th century, lack of knowledge of Portuguese critics on Brazilian literature became a recurrent subject in Lusitanian journals. Although there was no relevant news about the literary releases of writers from the former colony, the existence of biographic information on some of them in obituaries and school material destined to Brazilian and Portuguese students is noteworthy. In this context, this paper aims to analyze some of these biographical notes, published between the decades of 1860 and 1890.

Keywords: biographies, Brazilian writers, Brazil-Portugal relations.

A litteratura brasileira contemporânea é quasi desconhecida em Portugal. Ou seja desdém proveniente de uma superioridade incontestável neste ramo dos conhecimentos humanos; ou a língua portuguesa, transformando-se no Brazil, e affectando novos meneios, em que o desalinho, as incorrecções, e os modernos gallicismos se alliam sem graça e com gosto impuro, ao falar obsoleto do século de quinhentos, se affigure por isso estranha e degenerada aos

¹ Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA)

descendentes directos de Camões e de Vieira, o facto que assignalamos não é nem menos manifesto, nem menos para sentir-se, postoque por outro lado não deva causar surpresa em uma epocha em que aqui as fôrmas mais que as idéas attrahem a attenção, e o culto da phrase e do estylo se converte não raro em cega e viciosa idolatria. (PIMENTEL, 1864: 329)

Em notícia biográfica sobre Odorico Mendes, publicada na *Revista contemporânea de Portugal e do Brasil*, J. Pimentel alertava sobre o desconhecimento da literatura contemporânea brasileira em Portugal. Afora os elogios de Alexandre Herculano e Castilho a Gonçalves Dias e Mont'Alverne, não apenas a literatura brasileira, como também o Brasil de uma forma geral, seriam, a seu ver, ignorados pelos portugueses. Estes, continua, quando se tratava da ex-colônia, se interessavam única e exclusivamente pelas notícias sobre o câmbio, preços de mercadorias e movimento marítimo, desconhecendo inclusive a situação da política na ex-colônia.

Muito embora coberto de razão, caso se considere a publicação de notícias sobre lançamentos literários de além mar em periódicos portugueses nas três últimas décadas do século XIX, não se pode dizer que os escritores brasileiros estiveram completamente ausentes dos olhares da crítica portuguesa do século XIX. Sua inserção no campo literário português não se deu, entretanto, de forma aleatória. Pode-se dizer que obedeceu, em grande medida, a determinadas “regras de aceitação”, as quais podem ser lidas num duplo sentido: como critérios de seleção e como “lugares comuns” a partir dos quais as obras e autores foram apreciados.

A leitura das biografias dos escritores brasileiros agraciados pelas penas portuguesas revela, em geral, uma sutil particularidade em suas histórias de vida: a presença de Portugal. Em cada uma das trajetórias um liame, um laço indissolúvel com as terras lusitanas. Verdadeiras ou forjadas, as ligações dos escritores serviram, via de regra, para explicar sua “genialidade”, como se o segredo de seu sucesso servisse para provar a indiscutível contribuição da pátria portuguesa ao que haviam se tornado. Como se, por um jogo de espelhos, sua consagração servisse a uma outra, a de Portugal.

Por meio dessa chave interpretativa é que Varnhagen foi apresentado ao leitor no *Diccionario Popular, Historico, Geographico, Mytologico, Biographico, Artistico*,

Bibliographico e Litterario dirigido por Pinheiro Chagas.² A biografia do “ilustre escriptor brasileiro”, conforme designado no verbete que levava seu nome, se iniciava com um registro assaz curioso acerca de sua pertença em termos nacionais:

Vindo muito novo para a Europa, aqui freqüentou os estudos no Collegio Militar, e assim, filho do Brazil pelo nascimento, de Portugal pela educação, teve sempre igual amor a essas duas pátrias do seu coração e do seu espírito. (CHAGAS, 1884: 249)

A se pautar pelas considerações de Pinheiro Chagas, as qualidades “intelectuais” de Varnhagen – filho do Brasil por nascimento - decorreriam, por certo, de sua formação intelectual em solo português. Restaria ao Brasil o consolo de tê-lo visto nascer em suas terras e o privilégio de tê-lo como investigador dos documentos relativos à história pátria, função que desempenhava junto ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB).

No mesmo dicionário, treze anos após a publicação de um ensaio crítico sobre Gonçalves Dias³, Pinheiro Chagas se vale de recurso semelhante àquele utilizado na biografia de Varnhagen, atribuindo a qualidade da produção literária do poeta brasileiro a sua estada em Portugal, onde cursara a Faculdade de Direito:

Aqui se relacionou com a pleiade brilhante dos poetas românticos que então freqüentavam a universidade e tinham creado o “Trovador”. Em Coimbra foram os seus primeiros versos acolhidos com entusiasmo pelos seus colegas, que o eram também no trato das Musas, e quando em 1846 regressou ao Rio de Janeiro e publicou os seus “Primeiros cantos”, a voz autorizada de Alexandre Herculano era a primeira a apregoá-lo como um dos ilustres poetas da nova geração literária. (CHAGAS, 1879:76)

² Em 1876 começa a ser impresso em Lisboa, pela tipografia do *Diário Ilustrado*, sob a direção de Pinheiro Chagas, o *Diccionario Popular, Historico, Geographico, Mytologico, Biographico, Artistico, Bibliographico e Litterario*. Publicado em fascículos quinzenais antes de vir a público no formato livro, a idéia principal do projeto era “(...) *emprehender a publicação de uma encyclopédia para uso dos portuguezes e dos brasileiros*”, pois “(...) *a estas duas nações uma encyclopedia assim era tanto mais indispensável, quanto a verdade é que são vergonhosamente esquecidas nos dictionários estrangeiros, os quaes consagram apenas duas linhas, quase sempre erradas, aos factos mais importantes da nossa vida nacional, aos vultos mais notáveis dos nossos anaes, às mais celebres e históricas cidades do nosso território.*” CHAGAS, Pinheiro. Prólogo. In: *Diccionario popular, historico, geographico, mytologico, biographico, artistico, bibliographico e litterario*. 1 vol, Lisboa:Typ. do Diário Ilustrado, 1876.

³ CHAGAS, Pinheiro. A. Gonçalves Dias. In: *Ensaio Criticos*. Porto: Viúva Moré, 1866, pp. 161-180. Nesse artigo Pinheiro Chagas atribui o sucesso de Gonçalves Dias aos elogios que o poeta recebera de Alexandre Herculano. Considera, também, que o poeta ainda fazia poesias em trajes europeus, o que demonstrava que a literatura brasileira ainda não havia alcançado sua independência.

O estabelecimento de uma filiação entre Gonçalves Dias e os poetas portugueses, assim como o argumento segundo o qual sua carreira teria sido impulsionada pelo reconhecimento por parte de Alexandre Herculano⁴ faz crer que quaisquer que fossem as qualidades atribuídas a sua produção literária seriam elas devedoras das relações mantidas com Portugal ou com seus escritores, resultando os atributos positivos do contato com a ex-metrópole. Tal procedimento interpretativo também é visível quando Pinheiro Chagas se refere ao poema “Os Tymbiras”. Em crítica sobre Gonçalves Dias publicada em 1866, o crítico confessava ignorar totalmente o poema e considerava as “Sextilhas de Frei Antão”⁵ a obra prima do poeta brasileiro. Na biografia de 1879, o poema não apenas se torna notável, como começa a ser escrito em Portugal, fato que o crítico parecia ignorar àquela época:

N’esse mesmo anno [1852] partiu para a Europa incumbido de coligir em Portugal documentos e manuscritos para a historia do Brazil. Não cessou de trabalhar durante a viagem, principiou o seu notável poema nacional intitulado os “Tymbiras”, publicou em Leipzig em 1857 um outro volume de poesias intitulado “ Novos cantos” e, finalmente redigiu um outro livro intitulado: “Diccionario da língua tupy, chamada geral dos indígenas do Brazil”. (CHAGAS, 1879:77)

A informação sobre o lugar em que G. Dias teria iniciado a gestação do poema interessa menos por sua veracidade que por seu caráter simbólico, uma vez que, ao situá-la em terras lusitanas, acabava por valorizar o papel de Portugal na elaboração daquele que seria um “notável poema” brasileiro. É digno de nota o fato de Pinheiro Chagas reconhecer o caráter “nacional” do poema, atributo este que até então negara à produção literária de Gonçalves Dias.⁶ Para o crítico português, o verdadeiro fundador da literatura nacional no Brasil teria sido José de Alencar com a publicação do romance *Iracema*, cuja crítica fora publicada por ele nos *Novos Ensaios Críticos*, coletânea vinda

⁴ O papel de Alexandre Herculano para a carreira de Gonçalves Dias foi, de fato, fundamental. A esse respeito, conferir: MARQUES, Wilton. O poeta e o poder: favores e afrontas. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, nº 32, 2003, pp. 33-49.

⁵ Não sem razão, pois o poema, em que procura reproduzir o português arcaico, enaltece os feitos e a fé católica da coroa portuguesa.

⁶ Nos *Ensaios Críticos*, publicado em 1866, P. Chagas afirma que Gonçalves Dias tem duas feições distintas: a do poeta americano e a do poeta europeu. A seu ver, o poeta brasileiro não conseguira sentir as influências das paisagens de sua pátria, mantendo os olhos fitos em paisagens européias. Conclui, então, que G. Dias pertenceria demasiadamente “à raça dos conquistadores”, p. 170

à luz em 1868, ou seja, dois anos após as considerações acerca da produção literária de Gonçalves Dias.

Outro poeta brasileiro que tem seu nome incluído no primeiro volume do *Dicionário Popular* é Casimiro de Abreu. O verbete a ele dedicado se abre com a notação de que seria um “eminente poeta brasileiro” cuja morte havia impedido de ser um dos maiores de seu país. Dentre os dados biográficos, o dicionário informa que o poeta, indisposto quanto a seguir uma carreira de negócios, teria sido enviado pela família à Lisboa no ano de 1853. A seu ver, a carreira literária de Casimiro se iniciara nesse período, sob os auspícios do público português, que o teriam recebido calorosamente:

Aqui viveu 4 annos, aqui o seu nome começou a ser conhecido e estimado. As poesias, que publicou em varios jornaes, e que juntavam ao colorido ardente de uma phantasia americana uma vaga tristeza pungitiva que era como que um pressentimento de seu próximo fim, captivaram a atenção dos leitores; mas o que o tornou mais conhecido foi a cena dramática o “Camões e o Jaú”, que fez representar no theatro de D. Fernando no dia 18 de janeiro de 1856 e que foi muito applaudida. Não era decerto essa a sua melhor produção, pelo contrario; mas o facto d’elle ter escolhido um assumpto tão novo e tão sympathico, os bellos versos que quando em quando arrebatavam a alma do espectador, grangearam essa scena dramática o mais lisongeiro acolhimento. (CHAGAS, 1876:22).

Para além da referência ao tempo vivido em Portugal e ao papel dos jornais lusitanos na divulgação das poesias de Casimiro de Abreu, a celebridade do poeta brasileiro, a se pautar por Pinheiro Chagas, seria devedora também do “simpático e novo” assunto de que tratara - Camões -. Conforme salienta Ferreira da Cunha (2002), com o neoclassicismo e com os trabalhos da Academia Real das Ciências de Lisboa, Camões se tornara não apenas um clássico da língua, mas também um símbolo da glória de Quinhentos. No século XIX, entretanto, o autor português passa por uma revalorização simbólica, impulsionada pela filosofia alemã de matriz romântica, graças aos trabalhos de Friedrich Bouterwek, Simonde de Sismondi e Ferdinand Denis, que em suas histórias da literatura portuguesa lhe dedicam significativa atenção. Entre os portugueses, caberia a Garret o papel de romantizar a epopéia camoniana, interpretando *Os Lusíadas* como uma espécie de primeiro romanceiro português. A edição

monumental da obra pelo Morgado Mateus (1817) assume, nesse contexto, uma importância crucial, contribuindo para a revalorização simbólica operada pela geração romântico-liberal, já que salienta “dimensão patriótica” da epopéia camoniana e atribui a Camões uma imaginação romântica e um coração sensível e ardente. (FERREIRA DA CUNHA, 2002: 83) Não sem razão, portanto, o fato de Casimiro de Abreu ter composto um poema dramático tendo por tema o poeta português ganha os aplausos da platéia e de Pinheiro Chagas. Nesse momento histórico em particular, em que a problemática da nacionalidade e originalidade da literatura tornava-se fulcral para os historiadores que a estavam discutindo, Camões ocupava lugar de honra e *Os Lusíadas* era interpretado como “um monumento da glória nacional”, conforme afirmara o Morgado Mateus.

A importância da temática lusitana, seja por meio de referência a episódios ou personagens da história portuguesa (literária ou não) mostra-se fundamental quando se trata de avaliar a produção dos escritores brasileiros. Nos artigos dedicados a Varnhagen, grande parte deles de caráter biográfico, a contribuição para as pesquisas de documentos relativos à história e à literatura de Portugal também ocupa papel relevante. Falecido em 1878, o escritor brasileiro que àquela época ocupava o cargo de ministro plenipotenciário do Brasil em Viena, é retratado em necrológio publicado sem autoria no periódico *O Occidente*. Referindo-se a ele como um “dos homens mais notáveis do grande império americano”, é lembrado especialmente pelo trabalho de investigação que teria prestado a Portugal e Brasil:

O Brazil deve-lhe uma notável história, e a história portugueza não raras investigações. Republicando as mais formosas epopeas brasileiras, não se esqueceo também das singelas trovas dos nossos poetas da idade média, que todos encontraram n’elle mais do que um comentador erudito, um admirador entusiasta.” (O OCCIDENTE, 1878: 119)

Valendo-se de excertos extraídos do *Dicionário Popular* dirigido por Pinheiro Chagas, o autor do necrológio observa que Varnhagem teria trabalhado pela “gloria dos dois paizes”, empenhando-se em investigar não apenas os documentos sobre a história do Brasil, como também os pergaminhos que atestariam “a nobreza intelectual dos portuguezes”. Além disso, observa o biógrafo, na *Chronica do descobrimento do Brazil*,

não se esquecera de “desenhar as figuras épicas de Pedro Álvares Cabral e dos navegadores portugueses seus companheiros (...)” (O OCCIDENTE, 1878: 119)

Alvo de necrológio da mesma revista foi também José de Alencar, que falecido em dezembro de 1877, teve sua trajetória política e literária impressa nas páginas do periódico em 15 de janeiro do ano seguinte, ao que parece pelo também brasileiro João Manuel Pereira da Silva. Ainda que enfatize a carreira política do escritor, lembrado por sua “coragem cívica” e dotes de “valente orador”, responsável por deixar gravados exemplos de eloquência, bem como “verdades amargas” nos Anais do Parlamento brasileiro, o necrológio também rememora sua vasta produção literária. Romancista fecundo, teria deixado “brilhantes atestados do seu talento nos seus formosos livros”, todos eles fiéis “a mesma tendência de nacionalizar a língua, dando cunho e feições especiaes a litteratura de seu paiz.” (PEREIRA DA SILVA, 1878:11) Dentre essas obras, se destacariam *As Minas de pratas* e *O Guarani*, pela fidelidade das descrições e delicada observação da natureza. Em relação a este último, ao qual dedica especial atenção, o autor do necrológio afirma:

No Guarany, principalmente, cuja ação se passa no tempo dos primitivos dominadores do Rio de Janeiro, e no qual avulta a figura grandiosa de D. Antonio de Mariz, fidalgo portuguez, refugiado em meio de florestas e montanhas povoadas de índios selvagens, preferindo lutar com elles constantemente, até morrer fiel as tradições de seus maiores, a participar dos regalos de uma corte que abjurou dellas, - no Guarany, dizemos, é para admirar a habilidade com que disputam primazia os foros cavalheirosos da velha fidalguia portugueza, e essa outra grandeza, também nobre, mas selvatica, do valor e da lealdade, que são os característicos das raças indígenas do Brazil, sem que nunca sobrepuje uma a outra, e se honrem ambas; salvos, comtudo, a ascendência da raça civilizada e os privilégios da educação. (PEREIRA DA SILVA, 1878: 11).

Mesmo reconhecendo a importância do heroísmo do elemento autóctone no romance de José de Alencar, a apreciação crítica de *O Guarani* enfatiza a figura “grandiosa” de D. Antonio de Mariz, bem como a “ascendência da raça civilizada” e dos privilégios da educação sobre o personagem indígena.

Além da temática relacionada à Portugal, a língua também se tornou elemento distintivo daqueles que receberam apreciações positivas por parte dos críticos

portugueses. É o caso de Gonçalves de Magalhães, que em 1876 foi incluído na *Selecta Nacional: Curso pratico de Litteratura Portugueza*, publicada por Julio Caldas Aulete ⁷ e “aprovada para uso das escolas primarias e dos lyceus nacionaes”. A primeira das três partes da *Selecta* ⁸, dedicada à Literatura, mostra-se particularmente interessante, pois no quadro das matérias que contém o volume – dividido em parábolas, apólogos, anedotas, contos, breves narrações, descrições, lendas, romances, etc - há referência a inúmeros escritores brasileiros, dentre eles Gonçalves de Magalhães. É dos *Opúsculos Históricos e Literários* de Gonçalves e Magalhães que Caldas Aulete extrai a definição de literatura, concebida nos moldes românticos, enquanto expressão da nacionalidade. Tal definição se faz acompanhar de notícia biográfica sobre o autor, na qual se lê:

Domingos Jose Gonçalves de Magalhães, commendador da Ordem de Christo, cavaleiro da do Cruzeiro do Braxil (sic), professor de philosophia no Collegio Imperial D. Pedro II, deputado a diferentes legislaturas, ministro residente na corte de Turim. Nasceu no Rio de Janeiro. – Tem escripto em quase todos os ramos da litteratura. As suas obras acham-se collecionadas em 8 vol. de 8º grande, rica edição, sob o titulo – “Obras de D.J. Gonçalves de Magalhães”. Este escriptor é dotado de um estylo cheio de vida, pitoresco e elevado; muitas vezes de sabor vieirense. Se o Brazil continua a criar escriptores do talento e gosto de Magalhães, em breve os portuguezes terão de ir estudar o mais bello ramo da litteratura romana, chamado portuguez, aos escriptores brasileiros. (CALDAS AULETE, 1876: 120)

A escolha do texto de um brasileiro para ilustrar a definição de literatura parece se dever a pelo menos dois fatores: a concepção romântica de literatura – que ratifica a especificidade das literaturas nacionais - e a possibilidade de aproximar o estilo de Magalhães ao de Vieira. O autor da *Selecta* sustenta suas apreciações positivas menos na independência deste último no que tange ao uso da linguagem - questão de suma importância para o romantismo brasileiro -, que em seus laços estreitos com a produção literária do quinhentos português. Não deve passar despercebida a inclusão de autores

⁷ Nesse momento o autor já tinha uma longa experiência na área educacional, tendo publicado também a *Cartilha nacional. Methodo lecographico para aprender simultaneamente a ler, escrever, orthographar e desenhar*, cuja quarta edição é de 1874 e a *Grammatica nacional*, aprovada oficialmente para o uso das escolas publicas, cuja primeira edição, com o sub-título *Curso elementar*, saiu em 1864, sofrendo sucessivas modificações nas edições posteriores chegando à décima primeira em 1885.

⁸ A obra é dividida em três volumes, sendo o primeiro dedicado à Literatura, o segundo à Oratória e o terceiro à Poesia.

brasileiros em um curso de literatura portuguesa, publicado quando os laços coloniais já haviam sido rompidos, o que sinaliza, em certa medida, o não reconhecimento da divisão entre as duas literaturas e, no limite, da independência da brasileira em particular.

A esses procedimentos interpretativos não escapou também a escritora Julia Lopes de Almeida, biografada por Guiomar Torrezão no *Almanach das Senhoras para 1898*. Ao descrever as origens da romancista brasileira, a biógrafa assinala o fato de ela ser filha de um português nascido em Lisboa:

Pertence-nos por seu pae, o sr. Visconde de S. Valentim, natural de Lisboa, mas pertence ao Brazil pelo berço e por quantos laços ali a prendem aos supremos amores do seu coração, o marido e os filhos, e aos primeiros arreboes do seu talento, a illustre escriptora, a sra. D. Julia Lopes d’Almeida. (TORREZÃO, 1897: 3)

Ao duplo pertencimento à nação portuguesa e brasileira, vem somar-se o liame proporcionado por sua suposta alfabetização pelo método Castilho:

Aos 6 annos, de volta ao Rio, facultou-lhe o aprendizado da letra redonda no methodo Castilho sua mãe, a sra. Adelina Lopes, viscondessa de S. Valentim, uma virtuose vivamente festejada nas salas lisbonenses e fluminenses, uma inteligente senhora, esposa e mães exemplar, a melhor e natural iniciadora no limiar da vida – a mãe! Ao amorável contacto da qual, da crysalida, onde dorme a alma branca da creanca, sae, librando-se (sic) no azul do ether, a alada borboleta! (TORREZÃO, 1897: 4)

Aos olhos de Guiomar Torrezão, proprietária e redatora do *Almanach das Senhoras*, fora justamente nessas viagens ao velho continente que o talento da escritora brasileira se depurara: “No crisol das viagens se foi depurando o oiro d’esse talento, engastado como gemma duplamente valiosa em uma rapariga modesta, singelissima, quase timida, sem o menor vislumbre de pedantismo (...)” (TORREZÃO, 1897: 6)

Não bastasse ser filha de pai português, alfabetizada pelo método Castilho e devedora de seus talentos ao contato cultural com o velho continente, Júlia Lopes de Almeida deveria particularmente à Portugal a publicação de seu primeiro livro, *Traços*

e *Iluminuras*, bem como a gestação do romance *A Família Medeiros*, fruto suposto de sua estada em Lisboa a Caiscais:

(...) foi ainda em a nação a que tantas sympathias e tantas affinidades a vinculam [Portugal], que a notável escriptora concebeu o plano, e em grande parte o executou, do seu brilhante romance de costumes paulistanos, *A Família Medeiros*. (TORREZÃO, 1897: 7-8)

Ainda que não se possa tratar aqui de toda galeria de escritores brasileiros presentes nos periódicos portugueses⁹ e em outros gêneros de publicações, como os cursos de literatura e dicionários bio-bibliográficos das três últimas décadas do século XIX, é importante perceber que as trajetórias biográficas elaboradas pelos críticos portugueses procuram, em grande medida, reforçar os laços entre os autores brasileiros e a antiga metrópole, enfatizando o papel desta última em sua formação.

Não é de todo inútil observar que essa galeria não é das mais extensas, centrando-se, geralmente, em textos de natureza biográfica em detrimento de críticas suscitadas por lançamentos do mercado literário. Alguns dos periódicos consultados, como o *Almanach das senhoras* tem periodicidade anual, o que significa, a princípio, a publicação de “matérias frias”, que podem ser lidas intensivamente ao longo do ano. No caso dos catálogos bio-bibliográficos, como o *Diccionario Popular* dirigido por Pinheiro Chagas, trata-se de consagrar determinados autores, oferecendo, como vimos anteriormente, verbetes compostos por suas biografias e trajetórias literárias. A mesma intenção consagradora pode ser aferida dos cursos de literatura que trazem em seu corpus um ou outro escritor brasileiro, todos eles, diga-se de passagem, incorporados ao cânone português. Dos periódicos que têm circulação mensal ou quinzenal, poucas críticas se podem encontrar sobre a produção literária brasileira que lhes eram coetâneas, muito provavelmente em virtude do reduzido interesse em fazer dela um concorrente para a literatura portuguesa.

Referências Bibliográficas

⁹ Foram consultados os seguintes periódicos: *Revista Contemporânea de Portugal e do Brasil*, que circulou entre os anos de 1859 e 1865, o *Almanach das senhoras para Portugal e Brazil*, que circulou de 1871 a 1928, *O Ocidente: revista ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, que circulou de 1878 a 1914, *Os Dois Mundos: ilustração para Portugal e Brasil*, que circulou entre 1877 a 1879.

CALDAS AULETE, F Julio. *Selecta nacional: Curso pratico de litteratura Portugueza. Primeira Parte por F Julio Caldas Aulette, professor do Lyceu Nacional de Lisboa e deputado as cortes em diferentes legislaturas, etc. Approvada para uso das escolas primarias e dos lyceus nacionaes.* (Diário do Governo 9 de marco de 1876) Segunda edição augmentada. Lisboa: Livraria de A M. Pereira editor, 1876, p.120.

CHAGAS, Pinheiro. A. Gonçalves Dias. In: *Ensaio Críticos*. Porto: Viúva Moré, 1866, pp. 161-180.

_____. *Diccionario popular, historico, geographico, mytologico, biographico, artistico, bibliographico e litterario.* 1 vol, Lisboa:Typ. Do Diário Ilustrado, 1876, p. 22.

_____. *Diccionario popular, historico, geographico, mytologico, biographico, artistico, bibliographico e litterario.* 4 vol, Lisboa:Typ. Do Diário Ilustrado, 1879, p. 76.

_____. *Diccionario popular, historico, geographico, mytologico, biographico, artistico, bibliographico e litterario.* 4 vol, Lisboa:Typ. Do Diário Ilustrado, 1879, p. 77.

_____. *Diccionario popular, historico, geographico, mytologico, biographico, artistico, bibliographico e litterario.* 13 vol, Lisboa:Typ. Da Viúva Sousa Neves, 1884, p. 249.

FERREIRA DA CUNHA. Carlos Manuel. *A Construção do discurso da Historia literária na literatura portuguesa do século XIX.* Universidade do Minho: Centro de Estudos Humanísticos, 2002.

MARQUES, Wilton. O poeta e o poder: favores e afrontas. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, nº 32, 2003, pp. 33-49.

O OCCIDENTE. Revista ilustrada de Portugal e do Extranjero. vol I, 1 Anno. Empreza do Ocidente. Lisboa, 01 de agosto de 1878, p. 119.

PEREIRA DA SILVA, L. J. José de Alencar. *O Ocidente. Revista ilustrada de Portugal e do Extranjero*. vol I, 1 Anno. Empreza do Occidente. Lisboa, 15 de janeiro de 1878, pp.11-14.

PIMENTEL, J. Manuel Odorico Mendes. *Revista contemporanea de Portugal e do Brazil*. Quarto Anno. Abril de 1862. Lisboa: escriptorio da revista. 1864, p. 329.

TORREZÃO, Guiomar. Biografia de Júlia Lopes de Almeida. *Almanach das senhoras para 1898*. Portugal e Brazil. Publicado sob a proteção de S. M. a Rainha D. Maria Pia. Ilustrado com o retrato de Julia Lopes de Almeida e muitos outros retratos de distintos escriptores e artistas e outras gravuras. Colaborado pelos principaes escriptores de Portugal, Brasil e Franca, etc. Ampliado com diferentes tabellas, conselhos úteis, receitas, anedoctas humorísticas, problemas, charadas, enigmas e logogrifhos, e uma desenvolvida serie de annuncios dos principaes estabelecimentos por Guiomar Torresao, sócia da Sociedade de Geographia de Franca. Anno XXVIII. Lisboa. Editor Antonio Maria Pereira, [1897?], pp.3-11.